

Sentipensar as tecnologias

por Rosana Gonçalves da Silva
Cruzeiro Novo, primavera de 2024

Ao refletir sobre tecnologias, a primeira coisa que vem ao pensamento é a atitude de reconhecer as múltiplas possibilidades dessa noção. O termo ‘conceito’ é fechado para esta reflexão, pois é uma ideia abstrata que representa uma categoria ou classe de objetos, eventos ou fenômenos. É importante? Sim, há situações em que ‘conceitos’ fazem as pontes e atravessamentos dos aprendizados. São chaves para abrir portas à construção do conhecimento. Contudo, prefiro falar em ‘noção’, que é aberta, dinâmica e estica o nosso olhar sobre o mundo, as relações, os saberes e fazeres, como, por exemplo, compreender que há uma pluralidade de tecnologias, incluindo as tecnologias ancestrais. E, para conhecê-las, consulte o texto “Tempo” do Professor Carlos Pereira (2023). [Um toque aqui](#) e já poderá acessar o texto.

Neste exercício de retemperar o que compreendo por tecnologias, retomo algumas experiências vividas em diálogo com as novas aprendizagens no curso “Pedagogia da Ancestralidade”. É um curso “voltado ao debate sobre as formas e estratégias próprias das comunidades tradicionais originárias da África e das Américas para promover processos formativos em comunidade” ([soltec_ufrj](#), 2024, n. p.). Portanto, antes de adentrar no percurso dessa nova experiência, eu já compreendia que muitos recursos usados no cotidiano podem ser considerados tecnológicos, afastando-se da visão centrada na perspectiva da máquina, da inteligência artificial, da internet, etc.

Causo 1

Um caso surgiu no contexto do trabalho, quando eu fazia parte de uma Coordenação Pedagógica, na Coordenação Regional de Ensino do Plano Piloto/ CRE PP-SEEDF. Um dia, tínhamos uma formação interna a respeito do Núcleo de Tecnologia – NTE da CREPP. Essa formação seria para compreender os processos de otimizar os atendimentos às escolas. O colega responsável pelo NTE iniciou a fala, classificando o que seria tecnologia e o que não seria. Então, ele trouxe o seu repertório sobre as tecnologias que revolucionaram o mundo, quais sejam: ENIAC, o primeiro computador do mundo; os primeiros computadores pessoais; Microsoft, pioneira em sistemas operacionais; a *internet*; as redes sociais; os smartphones; automação industrial etc. Após listar o que seria considerado tecnologia, ele passou a falar sobre o que não seria. A sua primeira referência foi: “lousa e giz” não são tecnologias. Não só por serem ultrapassados, mas porque não têm componentes eletrônicos. Bem, não me calei diante das afirmações. Na minha compreensão sobre tecnologias, embora limitada naquela

época, eu sabia que lousa e giz eram tecnologias. Argumentei com ele que a lousa e o giz são duas das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) mais antigas e mais conhecidas pelas/os professoras/es. Podemos encontrar um pouco mais da história dessa tecnologia ao acessar a página do [texto completo](#). No percurso da leitura, a relação entre método de ensino, economia e instrução de crianças pobres é registrada, ainda que de forma aligeirada. Essa relação me impacta, pois essa foi a primeira tecnologia que eu conheci nos tempos de estudante, sendo uma criança pobre no interior de Goiás, e quando adentrei o Magistério, sendo a tecnologia que mais utilizei no início da minha carreira, nos anos 1980 e 1990, ao trabalhar com crianças pobres iguais a mim. Sem acesso a livros e outros recursos, a lousa e o giz, mesmo sendo uma herança colonial, nos introduziu na leitura e na escrita, possibilitando o redesenho das nossas oportunidades e construção de uma vida digna. Essa memória me permite sentipensar que tanto os modos quanto os métodos de organização dos processos educativos e das aprendizagens, sejam elas individual, coletiva, mútua, simultânea, colaborativa, dentre outras, também são tecnologias.

Sobre a aplicação na educação, considerar a lousa e o giz (1) tecnologias simples e/ou óbvias não as reduzem, pois tratam-se de “um recurso visual versátil, que era tanto livro (quando preenchido) quanto uma página em branco, ou melhor, em preto” (Domingues, 2015, n. p.). [Leia o texto completo aqui](#).

Naquele dia, o debate foi longo e, apesar de contra-argumentar a visão reducionista do colega sobre tecnologias, não recebi apoio das/os colegas, sendo abafada pela fala do homem e ‘profissional que detinha o conhecimento’. O machismo se anuncia fortemente nesta passagem, inclusive, sendo apoiado por boa parte das mulheres presentes. Esse caso aconteceu em 2011 e, provavelmente, não ficou no passado, pois as instituições educacionais continuam a reproduzir o machismo.

Vida que segue... Um aprendizado significativo é que muitos são os tipos de tecnologia, a exemplo das tecnologias ancestrais, tecnologias do corpo, do tempo, sempre ignoradas em contextos institucionais.

Causo 2

As minhas vivências mais afetivas com a compreensão sobre as tecnologias estão abrigadas no seio familiar. Minha avó materna, Inocência Cirina Alves, que, com sua condição de mulher pobre, vinda da Bahia para o interior de Goiás, trazendo na bagagem seus saberes e fazeres aprendidos entre gerações, honrou seus ancestrais indígenas e afrobrasileiras/os.

(1) A grande lousa fixa na parede de frente para os alunos é uma invenção relativamente recente. Pequenas placas polidas de ardósia (uma pedra escura hoje usada como piso) foram usadas durante séculos pelos alunos, em casa ou em sala de aula, para praticar leitura, escrita e matemática. Facilmente apagáveis, eram um substituto barato para o papel e a tinta – recursos caros para serem desperdiçados. Fonte: Blog: Ensinar História – Joelza Ester Domingues, disponível em <https://ensinarhistoria.com.br/lousa-e-giz-voce-aproveita-bem-essa-tecnologia/>

Vovó Inocência não estudou em escolas regulares, nunca se sentou em um banco escolar, não sabia ler e nem escrever conforme a sociedade convencionada. Da vida, ela portava a leitura de mundo e a escrita dos gestos. Ela era uma mulher muito sábia.

Quando olhava para o céu, nos meses de maio e junho, ela sabia coisas que o clima, o tempo e a cor contavam, como uma leitura intuitiva, conhecer de outra forma. Às vezes, ela dizia: “o céu está da cor da abóbora (laranja), neste ano vai fazer muito frio!”. Dito e feito, o frio era certo! Nessas leituras, ela sabia quando plantar e o que plantar, não errava a mão. Ainda que a compreensão do funcionamento de algumas coisas que são legitimadas pelo saber acadêmico, vovó Inocência sabia a partir da sua relação com as/os antepassadas/os.

O processo intergeracional vivido estruturou as formas de conhecer e se relacionar, ampliando suas práticas como mulher, mãe, avó, agricultora, cozinheira, vizinha, amiga e mulher de fé na vida. Essas sabenças foram partilhadas conosco, nestas e netos, no dia a dia vivido em um quintal de delícias da terra. Do chão nascia tudo o que vovó Inocência e vovô, João Rodrigues da Costa, plantavam. A horta era grande e os alimentos diversificados. Nos esteios para firmar a tela e cercar a horta, vovó e vovô colocavam um chifre de boi em cada um. Eles diziam que era para espantar pássaros que poderiam comer as sementes, já que os chifres também eram eficazes para afastar as energias ruins da horta. Seria mera credence ou tecnologia? Nem sei dizer e, ao mesmo tempo, creio que sim, eram tecnologia, pois funcionava que era uma beleza: nada atingia a horta ou comprometia o cultivo até chegar à mesa.

Os adubos usados eram apenas o esterco de vaca e boi, além das fezes das galinhas, sempre bem curtidos (2), por determinado tempo, em recipientes/locais adequados. Como saber se o esterco está curtido? Toque aqui e saiba mais. O processo para que as fezes ficassem curtidas era uma tecnologia para apurar e criar condições de uso. O ponto certo era reconhecido pelo odor. Essa foi outra sabença aprendida na lida com a vida, com a memória e com as possibilidades de melhorar o cultivo dos alimentos, de apreciar o tempo e o que ele aporta...

Causo 3

A vivência da minha geração em família proporcionou a nossa participação com papéis no coletivo. As crianças eram incluídas nas atividades, principalmente, nos dias de fazer biscoito. Nós tínhamos a liberdade de ajudar a enrolar e modelar a diversidade de roscas e pães. Levar os tabuleiros ao forno era uma das nossas tarefas. Os tabuleiros e formas eram construídos pelos mais velhos, usando material de reaproveitamento. Os tabuleiros, por exemplo, eram feitos de folhas de latão encaixadas nas extremidades. Somente bem depois, os tabuleiros de alumínio foram usados. Outras possibilidades eram as latas de goiabada, de marmelada, de sardinha, dentre outras. O tempo de assar variava conforme o material e o controle do fogo e da brasa.

(2) Trata-se de deixar as fezes ao tempo para que o nitrogênio excessivo evapore, o calor disperse a maioria dos patógenos e as chuvas diluam um pouco da concentração. Com a ajuda do clima e das técnicas corretas para fazer composto orgânico, em um mês, o esterco de gado está curtido. Isso acontece quando ele não apresenta cheiro característico nem umidade em excesso. Fonte: <https://todasasrespostas.pt/o-que-e-esterco-bem-curtido>

Essa leitura das combinações, considero tecnologia. A percepção da passagem do tempo no cozimento dos alimentos, a hora certa de tirar a fornada, a cor e o cheiro dos assados, implicam conhecer o processo e acionar o corpo como ferramenta primeira e esteio na produção de conhecimento.

Nos dois últimos casos, registrei de forma breve as minhas memórias que deixam pistas, sinais, indícios da relação entre ancestralidade e tecnologias. Esse exercício de trazer para bem perto a reflexão conecta a emoção e o afeto nas formas de se conhecer e aprender, tanto quanto o intelecto. Foi uma tentativa de evitar os conceitos fechados e o pensamento estanque de ver os mundos.

Um dedo a mais de prosa

Quando contava as voltas ao sol, em 1984, em torno de 14 anos, tive um relógio. Esse foi o único em toda a minha vida! Era o momento da entrada de objetos de baixo valor econômico no Brasil, vindos do Paraguai. Eu vendi uma cartela de rifa e ganhei como pagamento o relógio. Inicialmente, era charmoso colocá-lo no pulso, considerando a minha vaidade juvenil. Depois isso virou um tormento. O relógio funcionou por uns seis meses e, confesso, que fiquei aliviada por ele findar suas atividades de informar as horas. Eu também findei toda e qualquer relação com relógios de pulso. Nunca mais quis saber de ter e usar um relógio tão junto ao corpo. Também, eu adotei as seguintes expressões: relógios só servem para controlar a vida, dizer a hora de cada coisa e nos empurrar para uma dinâmica do apressamento. Ao fazer a imersão nas palavras do Prof Carlos Pereira (2023, p. 49), e meditar sobre a relação com o tempo ...

[...] e todas as coisas, aprendizados, conhecimentos e tecnologias que vêm dessas comunidades têm sido muito úteis para que eu, mesmo imerso num contexto maior de vida urbana capitalista, tenha experiências mais saudáveis e que contribuam pro meu processo pessoal de elaboração da minha identidade e do meu pertencimento. Percebi por meio das minhas vivências que tempo é realização, é manutenção de legado, é memória, é vida.

Sentipenso que é também resguardar saúde espiritual, mental e emocional, reiterando as palavras do autor, é legitimar nossa forma de ser com o tempo. Assim, estou mais sintonizada com o que expressa o prof. Carlos Pereira, pois esticar o olhar sobre a relação entre ancestralidade e tecnologias trouxe um universo de possibilidades para a minha vida. Há anos, eu tenho tentado descobrir as minhas raízes indígenas e afro-brasileiras. Os caminhos não são fáceis à medida que tudo o que nos foi negado nas escolas, com relação aos Povos Originários e as Culturas Africanas, se estende à família desinteressada nesses assuntos. E, de novo, vida que segue... agora, com mais qualidade e possibilidades de vivenciar experiências com coletivos que se dedicam a questionar e provocar sentidos plurais entre saber, conhecer e viver.

Referências

DOMINGUES, Joelza Ester. Lousa e giz: você aproveita bem essa tecnologia? *In: Blog: Ensinar História*. Disponível em <https://ensinarhistoria.com.br/lousa-e-giz-voce-aproveita-bem-essa-tecnologia/>. Acesso em 23 de outubro de 2024.

O que é esterco bem curtido? (2022). Disponível em <https://todasasrespostas.pt/o-que-e-esterco-bem-curtido>. Acesso em 23 de outubro de 2024.

PEREIRA, Carlos. Tempo. Revista V1 n° 3 2023. Disponível em <https://www.coletyvapyndorama.com/anterior-v1-n3-2023>. Acesso em 23 de outubro de 2024.

soltec_ufrj. Curso Pedagogia da Ancestralidade. 2024. Disponível em https://www.instagram.com/soltec_ufrj/p/C_vamDLJi27/. Acesso em 24 de outubro de 2024.



*Ela é da Moça.
Por Bitta Bardo.*